

-0. NOV. 1928

214 A

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

ANO II - N.º 64 - 6 DE AGOSTO DE 1942 - Preço: 1 ESC.

A PESCA À BEIRA RIO é um dos mais populares e curiosos passatempos da população das zonas ribeirinhas de Lisboa. (Ver dentro uma interessante reportagem fotográfica de Armando Seródio)

CALCADA DA GLÓRIA

SINFONIA DE ABERTURA

As termas e as praias batem, neste momento «son plein». A cidade, rica e intoxicada, meteu na sua mala algumas «toilettes» e alguns contos de réis, e ela aí vai, ofegante, em busca de alguma frescura, de alguma tranquilidade — e de algumas ilusões. Agosto e Setembro constituem aquilo a que se pode chamar turisticamente a «época dos banhos». Em vez de turisticamente, digamos, antes, oficialmente. Pode ser mais burocrática a expressão, mas, talvez por isso mesmo, corresponde a uma mais viva realidade. De facto, todos os anos, por este tempo, o país está oficialmente a banhos. O banho que, de Outubro a Julho, é um mero episódio doméstico, passa, em Agosto e Setembro, à categoria de instituição social. Os balneários termais povoam-se duma multidão heterogênea. Junto do mar outra multidão, mais heterogênea ainda, enfrenta as ondas. O culto oficial, burocrático, da água vem de Moisés, que criou a ablução obrigatória. E ainda esse culto que, através as vicissitudes duma longa evolução, persiste nos costumes actuais. No verão naturalmente a água está em plena apoteose. Nas termas Hipócrates pontífica; nas praias Vénus, surgindo, a cada instante, das ondas, dá-nos a graça do seu sorriso. Simplesmente se os banhos refrescam e curam, também matam. Já o dizia um velho marquês, cofeiando as suas barbas venerandas:

— De tomar banho, todos os anos morre muita gente; de porcaria nunca ninguém morreu: pelo menos os jornais não o dizem!

IMPRESA REGIONAL

FALA-SE na realização dum Congresso da Imprensa Regional. Se alguma coisa de aproveitável (além, é claro, dos jantares e dos passeios) pode resultar desta espécie de assembleias, vamos a ela...

EM SEVILHA

NESTA cidade andaluz a o termómetro registou, há dias, 52° de temperatura. Não é muito para uma cidade tão notável! — como diria Calino.

VERANEAR

ENCONTRA-SE a passar o verão, à porta do Café Moderno, na Avenida, o escritor Almeida Amaral.

CONQUISTADORES

O D. Juan que quiser ter a radiosa sensação de que as mulheres andam atrás dele, não tem mais do que fazer isto: caminhar à frente delas.

Caetano Beirão da Veiga
Caetano Veiga Beirão!



Tens no olhar tal encanto,
E uma tal graça tão meiga,
Que dizem que tu és Santo,
Caetano Beirão da Veiga!

Andaste pelo «Notícias»,
Com tua espada e gibão,
Por entre mil delícias,
Caetano Veiga Beirão!

De lá um dia tornaste
(O mundo é fatal engano...)
Saíste, sim — mas ficaste
Da Veiga Beirão Caetano!

Agora és lente e banqueiro,
Tens ciência — e não coão...
E assinas: — «Conselheiro
Caetano Veiga Beirão...»

AS PERNAS

STUART Carvalhais, de colaboração com certo escritor, vai publicar um volume sobre as pernas. Das mulheres, é claro. Ideia excelente, porque nós, como todo o filósofo que se presa, consideramos as pernas das mulheres como a base do género humano.

CAMILO E AQUILINO

AQUILINO Ribeiro partiu para a sua casa de Soutosa onde vai escrever um novo livro. Um romance: a vida de Camilo. A acreditar no que dizia Oliveira Martins deve tratar-se dum romance de cavalaria...

O PAPA-FINA

FEZ agora anos que morreu um dos mais curiosos tipos populares lisboetas: o Papa-Fina. Andava invariavelmente de calça de ganga — e de casaca. Tinha um esbrilho matemático com que rematava tudo: — «Não se pode viver sem amor». Um dia, não esteve com meias medidas: pegou num ramo de rosas e ofereceu-a à Infanta D. Isabel Maria, então Regente do Reino. Prêso ao ramo ia escrita numa fita de seda a frase clássica: «Não se pode viver sem amor».

Prenderam-no. Era um incompreendido.

NO DESERTO

A propósito da actual campanha do Egipto, inferno de pólvora, de sangue e de sede, ouvimos, há dias, esta história impregnada do tradicional humor britânico. Preguntaram a um soldado inglês o que fazia quando a sede o atormentava e não tinha água para a saciar.

— Nunca nos falta a água...

— Nunca?

— Não... Quando a não temos nos cantis, pensamos nos bons pratos ingleses — e logo nos cresce a água na boca...

SINCERIDADE

NA noite da estreia da *Rival* no *Trindade*, quando o actor Valério de Rajanto terminava uma grande tirada altissonante um espectador não se conteve que não gritasse do seu «fauteuil»:

— Bravo!

O público deu uma gargalhada. A sinceridade espontânea conduz, às vezes, a estes inoportunos contrastes.

MÁ-LINGUA?

SEGUNDO nos contaram, Palmira Bastos e Maria Lalande iam recentemente num carro da Estrêla. Meteram-se no Rossio e apearam-se ao alto da Rua Alexandre Herculano, mesmo defronte da casa onde mora a primeira. Durante todo o percurso falaram de coisas de teatro ou, melhor, falou Palmira Bastos, — porque Lalande se limitava a ouvir e a exclaimar nas paragens:

— Ao que «isto» chegou, sr.^a D. Palmira, ao que «isto» chegou...

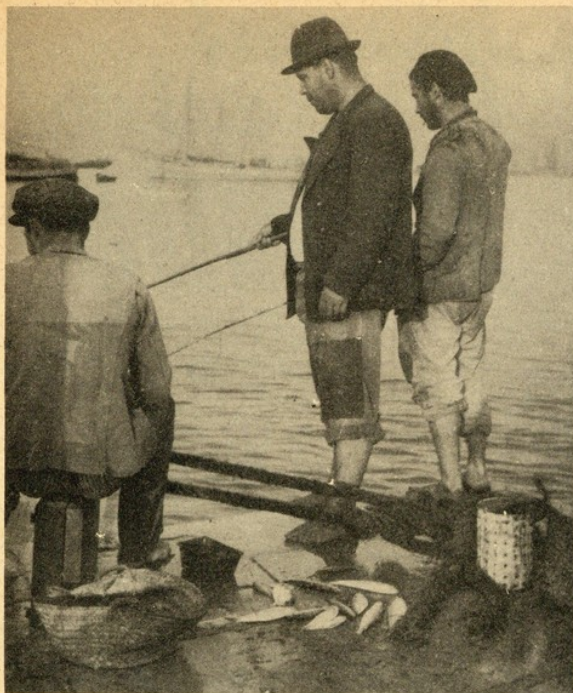
CARTAS ANÓNIMAS

CERTO sujeito altamente colocado, mas cuja honestidade não é modelar, recebeu, em tempos, uma carta anónima em que o acusavam de «ladrão». Mostrou a carta a várias pessoas no intuito de identificar o autor da letra. Ninguém a conhecia. Só uma das pessoas, ao ler a carta, comentou em aparte:

— Parece-me a letra do Director da Polícia...

UMA PÁGINA DE LUIS DE OLIVEIRA GUIMARÃES

Um desporto modesto A pesca à beira rio



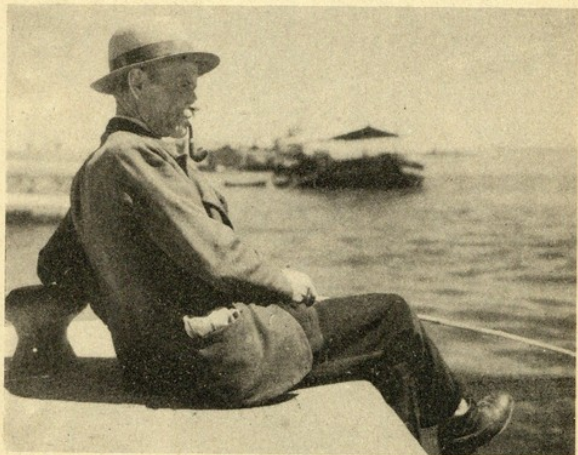
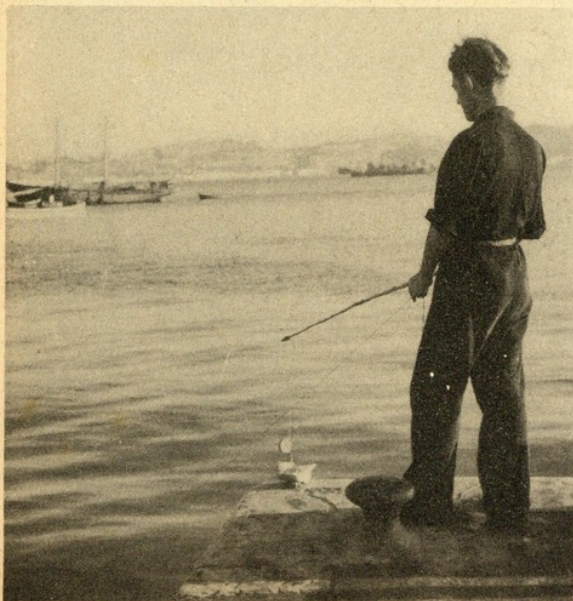
DOIS DESEMPREGADOS que, às primeiras horas da manhã, vão buscar ao rio, o almoço e, às vezes, até, o jantar.



PARA PESCAR À LINHA, à beira rio, na muralha do Terreiro do Paço a Belém, todo o sitio é bom. Aqui temos nós estes pescadores, enquanto não começa a descarga das fragatas, a aproveitar o tempo, servindo-se da prancha que liga as embarcações à terra. E não há dúvida que a pesca dá resultado, pois cinco minutos depois, uma «savelha» morde o isco.



ESTE QUERE, DE UMA CAJADADA, matar três coelhos (perdão, três peixes...) No chão, tem uma linha com sineta, na mão esquerda, outra linha e, na direita, uma cana.



ESTE É O TIO LUIS FRAGOSO, um típico pescador da Ribeira que, ha 12 anos, sem falhar um dia, chuva ou faça sol, lança as suas linhas na muralha. É um hábil construtor de canas de pesca. E não quere outra vida.



Imagens pitorescas do MUNDO



1) Um curioso instantâneo de caça: o cão salta um obstáculo com a presa na boca. 2) Um cãozinho de Chicago, a quem o dono, pesareiro por um desastre que lhe havia sucedido, mandou colocar uma dentadura postiça. 3 e 4) Duas belas atitudes da patinadora americana Adele Inge.



5) Cães-polícia americanos treinados nas praias do Pacífico para dar o alarme contra eventuais desembarques. 6) Os japoneses principiam o seu dia saudando o Sol. A foto mostra-nos uma formação do exército nipônico apresentando armas aos primeiros raios da luz solar, numa encosta da fronteira da Índia-China e da Birmânia.

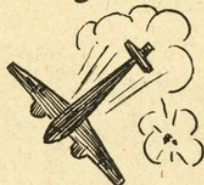
Figuras da Vida
MUNDIAL



O ALMIRANTE RAEDER, comandante-chefe das forças navais alemãs e grande impulsionador da batalha do Atlântico, visto pelo nosso caricaturista SANT'ANA.

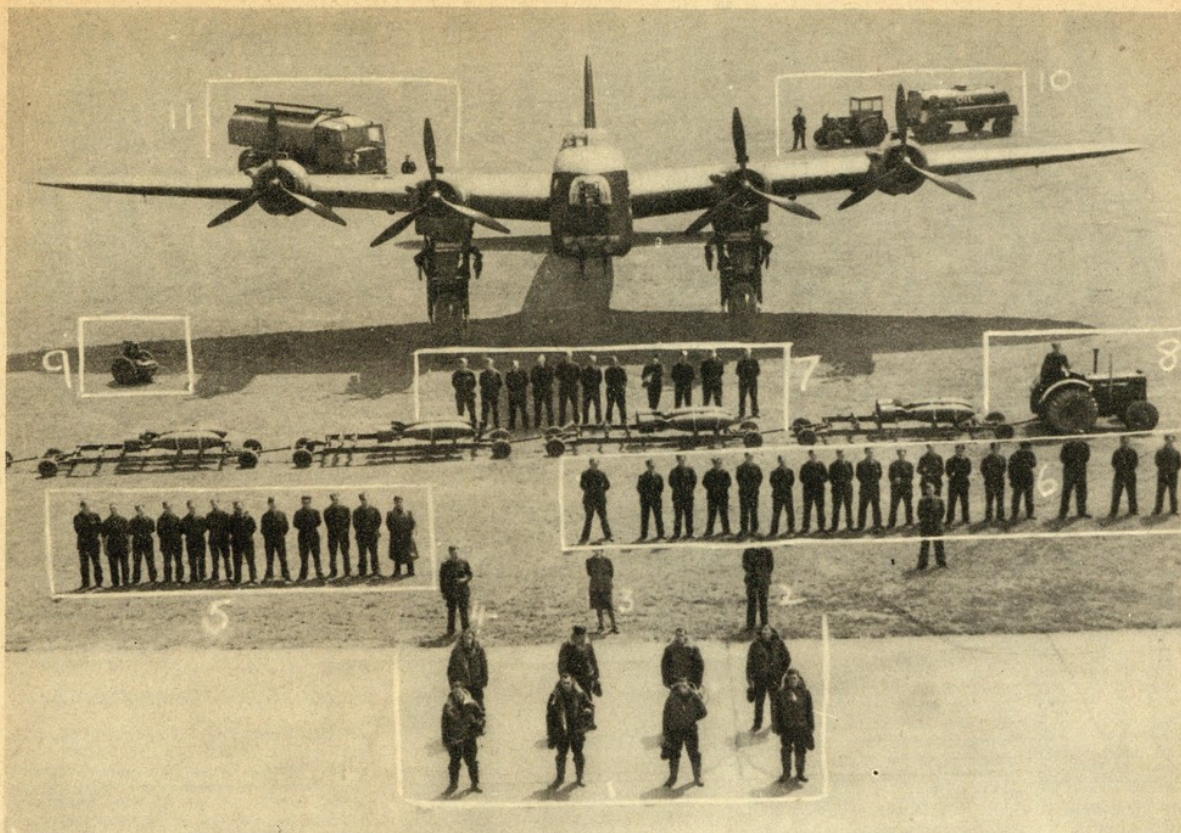
MALTA

a ilha sacrificada



MALTA, a grande vítima desta guerra, onde já se ouviu mais de 3.000 vêzes o sinal de rebate aéreo, e onde, pôde dizer-se, não há um edificio inteiro, tem dado ao Mundo o exemplo mais vibrante de resistência ao inimigo. Nas fotos que reproduzimos nesta página, vemos: em cima, um aspecto impressionante duma rua de La Vallette — a população assistindo, interessada, à batalha aérea que, entre «caças» ingleses e do «eixo», se desenrola por cima da ilha; em baixo, outro aspecto da mesma rua, após um bombardeamento, vendo-se os destroços dum prédio desmoronado a cobrir o piso.





SÃO PRECISAS 56 PESSOAS para tripular e preparar as operações dum avião de bombardeamento «Stirling» da frota inglesa. 1) O pessoal do avião: Comandante, 2.º piloto, bombardeiro, telegrafista, observador, dois metralhadores e suplente—2) Oficial de meteorologia. 3) Encarregada dos paraquedas. 4) Oficial de controle de vôo. 5) 12 mecânicos. 6) 18 elementos de pessoal de campo e hangares. 7) 11 encarregados do municionamento de bombas e das metralhadoras. 8) Transportador de bombas. 9) Bateria de socorro mecânico. 10) Transportador de lubrificante. 11) Transportador de gasolina



UMA CENA MOVIMENTADA dos recentes exercícios de defesa contra tropas de invasão e paraquedistas realizados na zona oriental de Londres.

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo VII - Os Balcãs em fogo

4

A VITÓRIA MILITAR

N

O dia 6 de Abril, sem declaração prévia de guerra, iniciou-se o ataque alemão à Jugo-Eslávia e à Grécia. Esse ataque era simultâneo e foi conduzido em colaboração com as forças italianas que operavam na Albânia. As operações foram conduzidas com uma rapidez fulminante. Entre o início das hostilidades e o colapso do exército jugo-eslavo mediu precisamente uma semana (6 a 13 de Abril). A luta contra a Grécia prolongou-se por mais uma quinzena. Em 17 daquele mês, podia considerar-se terminada. A entrada das tropas alemãs nas capitais dos dois países atacados marcou o termo da luta. A rendição de Belgrado e de Atenas teve o valor simbólico da cessação das hostilidades nos Balcãs.

Durante esta campanha, curta e brilhante, a máquina militar do Reich afirmou, mais uma vez, o seu potencial esmagador. A rapidez e a precisão com que funcionou foram assinaladas por um novo êxito militar de incontestável importância e de repercussões apreciáveis. Com a ocupação da península balcânica, o Reich passava a dominar, sem sombra de contestação, o continente europeu, com excepção do espaço geográfico ocupado pela Rússia dos soviéticos.

Mais do que o valor da conquista feita, o prestígio crescente do exército alemão tornou-se uma realidade predominante no conjunto de valores que condicionam a marcha dos acontecimentos internacionais. A vitória militar, com as características especiais de que se revestiu, excluiu os factores políticos que não jogaram, na preparação e na realização da campanha balcânica, com a precisão meticolosa verificada em outras fases do actual conflito. Esses factores políticos não podem, porém, deixar de ser referidos para uma apreciação exacta dos sucessos que então ocorreram e dos reflexos que vieram a ter na evolução da guerra.

O Reich — tulo pelo menos nos leva a essa convicção — não tinha o propósito inicial de intervir militarmente nos Balcãs. Para a finalidade que os seus dirigentes, ontem como hoje, procuravam alcançar, o alargamento do campo de hostilidades seria no fundo a confirmação dos argumentos frequentemente invocados pelos seus adversários. As soluções de força estavam, por isso, naturalmente excluídas de início do pensamento dos chefes políticos alemães.

O ATAQUE A JUGO-ESLÁVIA

Entretanto essas soluções tiveram de intervir. Então a sua acção fêz-se sentir de maneira dominante e decisiva. Nessa acção colaboraram, além dos italianos que constituíam os exércitos encarregados de conduzir a luta con-



Pavelich

tra a Grécia, os húngaros e os búlgaros, interessados na partilha da Jugo-Eslávia e que tinham em relação a este país, reivindicações territoriais que datavam da assinatura dos tratados de paz que liquidaram a conflagração de 1914-18.

O ataque alemão contra a Jugo-Eslávia e a derrota do exército jugo-eslavo consumaram-se em uma semana. No dia 6 de Abril, um bombardeamento violentíssimo de Belgrado, levado a efeito pela Luftwaffe marcava o início das operações que iam desenrolar-se a um ritmo desconcertante. Nesse mesmo dia, as forças alemãs que haviam sido concentradas na Bulgária, e que eram superiormente comandadas pelo marechal List, puseram-se em movimento. As divisões blindadas do Reich atravessaram a fronteira e penetraram profundamente em território jugo-eslavo, denunciando pelo dispositivo adoptado os objectivos que se propunham alcançar.

Seguindo ao longo do vale de Vardar, ocuparam rapidamente Nish. Um dos seus habituais movimentos em terra, levou à rendição de Uskub. A marcha das colunas motorizadas inclinou então para ocidente, no sentido da costa, com o manifesto propósito de estabelecer, o mais depressa possível, contacto com os exércitos italianos da Albânia, o que efectivamente se realizou. A junção de alemães e italianos significou a separação irremediável entre gregos e jugo-eslavos. Estes nunca chegaram a operar em conjunto, dada a rapidez da manobra alemã.

Ao mesmo tempo as unidades que tinham partido do sul da Alemanha, entraram pela fronteira norte do país e encaminharão-se para Zagreb, enquanto os húngaros operavam ao

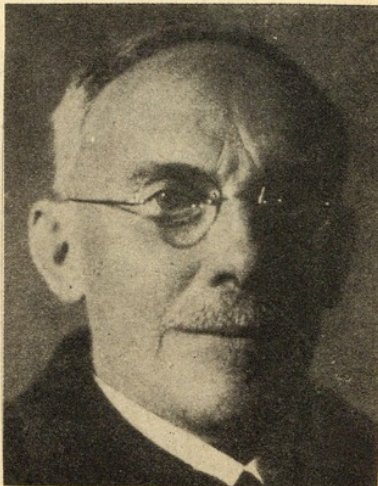
longo da margem do Danúbio. Os italianos, seguindo a linha da costa, ocuparam os portos da Dalmácia, e as forças italianas partidas de Fiume estabeleceram rapidamente contacto com os alemães que haviam ocupado Zagreb. A resistência organizada do exército jugo-eslavo estava praticamente liquidada. Durante onze dias (até 18 de Abril) ainda se travaram combates isolados mas a sorte da Jugo-Eslávia estava decidida.

A LIQUIDAÇÃO DA RESISTÊNCIA GREGA

A campanha dos alemães na Grécia durou três semanas (6 a 27 de Abril). Nessa campanha as forças germano-italianas defrontaram as tropas gregas apoiadas por forças imperiais britânicas e pela Royal Air Force. Partindo da Bulgária, os alemães atacaram a Grécia em três direcções: pelo vale do Struma, atravessando o desfiladeiro de Rupel, em direcção a Salónica; pelo vale de Strumitza e pela parte inferior do curso do Vardar, também com o objectivo de ocupar Salónica; pelo vale do Maritza, através da planície da Trácia, em direcção ao Mar Egeu, a fim de ocupar Dedea-gatch e impedir as comunicações entre a Grécia e a Turquia.

No dia 9, três dias depois de iniciadas as operações, a queda de Salónica marcava a rotura da frente grega, ficando isolados os contingentes que se batiam na Trácia e na região oriental de Macedónia. Esses contingentes viram-se assim na necessidade de se entregar.

Entretanto o colapso da resistência jugo-eslava no Vardar expunha a um aniquilamento total todo o flanco direito do dispositivo helénico. As tropas que se encontravam na Albânia foram assim obrigadas a operar, rapidamente,



Matchek, chefe dos camponeses creatas

uma retirada estratégica. A chegada de forças imperiais britânicas (10 de Abril) permitiu reconstituir uma frente que ia do Adriático ao Monte Olympico. Foi nessa linha que as forças britânicas e gregas tentaram organizar uma resistência eficaz contra a pressão crescente dos alemães. A esperança de prolongar essa resistência desvaneceu-se três dias depois com o termo das hostilidades na Jugo-Eslávia.

Os alemães, utilizando em larga escala as suas forças mecanizadas, seguiram o vale do Vardar e alcançaram rapidamente o vale do Vistritza. Ocuparam Senia e Metsovo, que dominavam os desfiladeiros que estabeleciam a passagem entre a cordilheira de Pindo e a planície da Tessália. Feita a junção com os italianos partidos de Janina, a resistência grega não podia prolongar-se por muito tempo. A rendição do exército grego do Epiro (23 de Abril) marcou o termo dessa resistência. Depois foi a retirada, fortemente protegida pelas tropas imperiais britânicas em combates que se prolongaram durante alguns dias. A defesa das Termopitas foi um acto isolado que em nada podia alterar o curso dos acontecimentos. Em 27 de Abril, os alemães entravam em Atenas, onde as condições para a cessação das hostilidades foram negociadas pelo general alemão Jodl.

A FRENTE INTERNA NOS PAÍSES ALIADOS

Tanto na Grécia como na Jugo-Eslávia a aproximação do termo das hostilidades coincidiu com uma onda de derrotismo, a qual tocou profundamente o moral dos dois povos balcânicos envolvidos numa luta de vida ou de morte contra países poderosos. Na Jugo-Eslávia foi principalmente a acção dos elementos heterogêneos que se opunham à centralização dos poderes na mão dos sérvios que contribuiu para apressar a derrota. Adiante nos referiremos mais pormenorizadamente a essa acção.

Na Grécia, logo que se tornou conhecida a notícia da capitulação do exército do Epiro, alguns elementos preponderantes na política e na força armada pronunciaram-se contra o prosseguimento da luta e formularam claramente as críticas mais vivas à política de colaboração com a Grã-Bretanha que o general Metaxas adoptara, apesar do seu germanofiliazmo conhecido, e que o soberano grego calorosamente apoiava. A medida que os alemães se aproximavam da capital do país e se tornava evidente com o início da evacuação das tropas imperiais britânicas (23 de Abril) que o rei Jorge II seria obrigado a abandonar o país, a influência desses elementos tornou-se preponderante.

O general Isolakoglu tornou-se o chefe da corrente de políticos e militares que defendiam a necessidade de concluir rapidamente um armistício com os alemães. Dois outros elementos preponderantes na vida pública da Grécia, o general Pangalos e Gonatas, deram-lhes o seu apoio incondicional e Isolakoglu foi escolhido para chefe do governo do seu país quando este passou a viver em regime de ocupação.

O rei Jorge II, com a sua proclamação de 23 de Abril, afirmando o propósito de continuar a resistir mesmo fora do território nacional e de não aceitar a lei do vencedor, colocava-se em oposição ostensiva a esse grupo de generais, dos quais seis foram demitidos por um decreto real publicado em Creta quando o soberano se refugiou nesta ilha. A ocupação do Peloponeso fez-se também rapidamente. Iniciada por grupos de paraquedistas, que dominaram o obstáculo do canal de Corinto, em 28 de Abril, estava terminada uma semana depois (2 de Maio) com pleno êxito. A ocupação de Peloponeso coincidiu com a retirada do soberano e das personalidades que quiseram acompanhá-lo, para Creta, e com o termo da evacuação dos contingentes imperiais britânicos, comandados pelo general Aitland Wilson.

A ACÇÃO DOS «USTACHIS»

Na Jugo-Eslávia, o papel principal para o desmoronamento da frente interior coube aos elementos croatas que não concordavam com a política centralizadora do governo de Belgrado. O principal chefe político na Croácia era o dr. Matchek, que dirigia o partido camponês de tendências autonomistas e pacifistas. O dr. Matchek sustentara uma longa luta, e durante ela por mais duma vez a sua vida cor-



O marechal List, chefe das forças alemãs que operaram nos Balcãs, examinando um mapa, no campo de batalha, com alguns oficiais do Estado Maior bulgaro.

rerá sério risco, para conseguir que à Croácia fossem atribuídos direitos idênticos aos da antiga Sérvia no quadro do novo Estado jugo-eslavo. A redigação deste objectivo capital não foi alcançada sem sacrifícios e sem que o sangue dos croatas tivesse corrido por mais duma vez. Mas uma vez conseguido, o dr. Matchek revelara-se um leal cooperador da causa da independência e da unidade jugo-eslava. Em seguida ao golpe de Estado de 27 de Março, o chefe dos camponeses croatas, após uma série de negociações em que a situação do seu país fora largamente debatida, resolveu entrar para o gabinete formado pelo general Simovich, ocupando a vice-presidência do conselho e esforçando-se por desempenhar lealmente estas funções.

Os croatas intrinsecos do grupo dos «Ustachis», cuja cumplicidade no atentado contra o rei Alexandre em Marselha (1934) fora objecto duma longa controvérsia, tinham alguns dos seus chefes mais notórios exilados no estrangeiro. Entre estes contava-se o dr. Ante Pavelich, cujas ligações com os governos de Berlim e de Roma, e especialmente com este último, eram conhecidas. Os croatas acatilhados pelo dr. Pavelich eram de opinião que só uma vitória das nações do «Eixo» poderia contribuir decisivamente para os levar ao poder em Zagreb. Tinham numerosos elementos da sua confiança no exército, na polícia e no funcionalismo civil da Croácia. Esses elementos, no momento oportuno, agiriam com energia e contribuiriam poderosamente para apressar o desmoronamento da frente interna do seu país.

Especialmente entre os oficiais croatas de patente mais elevada, verificaram-se numerosos casos de insubordinação durante a luta. Este exemplo foi rapidamente seguido e o comando jugo-eslavo não teve possibilidade de reprimir

a revolta de regimentos inteiros. Foi esta uma das circunstâncias que apressou a derrota da Jugo-Eslávia na sua luta contra o Reich.

A EVACUAÇÃO DAS TROPAS BRITÂNICAS

A evacuação dos contingentes imperiais britânicos que haviam combatido na Grécia iniciou-se em 22 de Abril e, realizada no meio de dificuldades quase insuperáveis, completara-se em dez dias. Em 2 de Maio, o rei da Grécia, com o governo que constituíra em substituição daquêle a que presidira Kiritis—que sucumbira como o seu colega da Hungria, dr. Teleki, em circunstâncias dramáticas, antes da luta terminar—encontrava-se em Creta, onde também haviam chegado tropas inglesas e gregas. Desde logo se tornou evidente que os alemães não deixariam de atacar vigorosamente esta ilha, dando assim um termo espectacular à derrota britânica e conquistando uma posição estratégica de primeira ordem numa zona vital do mar Mediterrâneo.

O comando das tropas encarregadas da defesa da ilha foi confiado ao general Freyberg, que já comandava os neo-zelandeses que se haviam distinguido no Norte de África e nos Balcãs. O general Freyberg, embora tivesse nascido em Inglaterra, fizera na Nova Zelândia a maior parte da sua carreira e distinguira-se já por actos de heroísmo durante a conflagração de 1914-18.

Além dos regimentos gregos que conseguiram chegar a Creta, o general Freyberg tinha sob as suas ordens as seguintes forças que restavam das tropas imperiais reembarcadas na Grécia: 14 mil ingleses, 6 mil australianos, 7 mil neo-zelandeses, ou seja um total de 27 mil homens bem armados, bem equipados e habi-

tuados a fazer a guerra moderna, da qual possuíam um largo treino. A batalha pela posse de Creta durou dez dias, de 20 a 31 de Maio, e terminou, como a campanha dos Balcãs, por uma vitória completa das armas alemãs. Os ingleses, os canadenses e os neo-zelandeses que não ficaram prisioneiros foram obrigados a desembarcar, seguindo para os portos do Egipto, onde foram juntar-se às tropas imperiais que já estacionavam neste último país.

A conquista de Creta, pelas condições especiais em que a operação se realizou, marca uma das fases mais interessantes do conflito actual. O comando alemão realizou, para a levar a bom termo, um trabalho de preparação e de execução particularmente feliz, utilizando novos elementos e novos métodos. A acção alemã ficou a constituir um dos ensinamentos mais impressionantes da história da guerra actual.

O EPISÓDIO DE CRETA

O malogro das tentativas alemãs contra a ilha britânica durante o verão e o outono do ano anterior haviam criado a convicção de que, sem um forte apoio naval, seria impossível conquistar uma ilha relativamente extensa, sobretudo quando esta fôsse defendida por forças poderosas. Os alemães utilizaram, para a conquista de Creta, em escala nunca vista até aquela operação, os paraquedistas e as tropas aero-transportadas. Eram contingentes de especialistas que caíam dos céus às centenas e lançavam a perturbação entre os defensores.

Para os ingleses teria sido essencial assegurar eficazmente a defesa dos aeródromos da ilha onde o inimigo poderia aterrar, criando uma situação idêntica à que o estabelecimento de uma testa de ponte cria num campo de batalha onde os rios constituem uma defesa natural. Essa tarefa era tanto mais fácil de realizar quanto é certo que os ingleses haviam desembarcado na ilha sete meses antes (Novembro de 1940) podendo estudar, pormenorizadamente, as condições locais e as exigências impostas pela defesa de Creta.

Os paraquedistas e as tropas aero-transportadas iniciaram a sua tarefa ocupando os pontos vitais da costa cretense, o porto de Canea e a baía de Suda; a ocupação dos três grandes aeródromos construídos na ilha, os de Retimo, Heraklion e Malerne, fêz-se depois de esforços violentos em que a pericia daquêles especialistas foi posta à prova de maneira decisiva. Privados do uso desses aeródromos, os ingleses reconheceram, depressa, que a sua situação era insustentável. Tratava-se para êles de combater, em retirada, procurando reembarrar, com o mínimo de perdas, nas praias extensas e pouco acessíveis do sul da ilha.

A esquadra inglesa do Mediterrâneo cola-



General Maitland Wilson

bonou, durante os dez dias que a luta durou, na defesa da ilha e suportou, por isso, pesadas perdas. A Royal Air Force não pôde desempenhar o papel que inicialmente lhe fôra atribuído. Os alemães beneficiaram da vantagem decisiva de poderem utilizar os terrenos de aterragem que rapidamente instalaram no sul da Grécia e que ficavam a curta distância da ilha, enquanto os seus adversários eram obrigados a fazer largos vôos antes de entrarem em acção.

CONSEQUÊNCIAS POLÍTICAS DA CAMPANHA DOS BALCÃS

A campanha dos Balcãs, que teve o seu epílogo na ocupação de Creta, foi uma notável vitória militar do Reich. A máquina militar deste país mais uma vez provou a sua excelência, a competência do seu comando e a bravura dos seus soldados. Teriam os resultados políticos conseguidos correspondido ao êxito militar alcançado? Esta pergunta, para compreensão do

que se passou e do que se seguiu pode ser substituída por esta outra: era intenção dos alemães fazerem a guerra nos Balcãs desde que para isso não tivessem uma absoluta necessidade?

Tôda a acção diplomática do Reich nas capitais balcánicas, em Bucareste como em Sofia, em Belgrado como em Atenas, leva a pensar o contrário. Os dirigentes políticos do Reich pretendiam que os países daquela região da Europa, pela sua adesão ao pacto tripartido, se prontificassem a colaborar pacificamente com as nações do «Eixo», auxiliando êstes na realização do seu principal objectivo: atrair os ingleses para fora do continente e expulsá-los do Mediterrâneo. Nenhuma destas finalidades foi alcançada com a vitória militar obtida pela Wehrmacht.

Obrigado a fazer uma campanha que não estava nos seus planos, o Reich demorou a execução de outros projectos que deviam completar-se no ano de 1941. O principal desses projectos era a liquidação total do mais poderoso adversário que os seus chefes militares claramente designavam: a U. R. S. S. O início da campanha da Rússia teve assim de ser adiado por algumas semanas e esta circunstância veio a reflectir-se no conjunto dessa campanha. Em 1941, os alemães iniciaram a sua campanha contra os soviets em 22 de Junho; em 1942, iniciaram-na no dia 8 de Maio, desencadeando um ataque em forma na península de Kertch. O discurso do Führer, proferido no Reichstag, quando as suas tropas entraram em território russo, habilita-nos a supor que, sem a necessidade de dominar pela força as nações balcánicas que se collocaram ao lado da Grã-Bretanha (Grécia e Jugo-Eslávia) a sua acção, decisiva para a liquidação do conflito, contra a Rússia se teria iniciado algumas semanas antes, aproximadamente na altura em que começou no ano de 1942. Essa circunstância veio depois a reflectir-se no conjunto da guerra e da sua evolução.

(Continua)

(Rigorosamente proibida a reprodução, mesmo parcial)



O general Freyberg, defensor de Creta

B.B.C.
A VOZ DE LONDRES

fala e o mundo acredita

Noticiário em LINGUA PORTUGUESA

Horas		Estações	Ondas curtas
12,45	Noticiário	G R U	31,75 m. (9,45 mc/s)
		G R V	24,92 m. (12,04 mc/s)
14,15	Noticiário	G R Z	13,86 m. (21,64 mc/s)
		G R U	31,75 m. (9,45 mc/s)
14,30	Actualidades	G R V	24,92 m. (12,04 mc/s)
		G S B	31,55 m. (9,51 mc/s)
23,00 (*)	Noticiário	G R X	30,96 m. (9,69 mc/s)
		G R T	41,96 m. (7,15 mc/s)
		G S B	31,55 m. (9,51 mc/s)
23,15 (*)	Actualidades	G R T	41,96 m. (7,15 mc/s)

(*) Estas emissões ouvem-se também em ondas curtas de 261,1 metros (1.149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s)



O REI DE ITALIA, Victor Manuel, condecora um jovem oficial de Marinha que se distinguiu durante as batalhas aereo-navais travadas no Mediterraneo

panorama internacional

O Vértice da Guerra

por Francisco Velloso

NOS dias que vão passando, a balança da guerra nunca foi mais oscilante, à pressão dos alarmes. A guerra de nervos, sucede a hora dos nervos e das interrogações. A resistência dos russos a realização do objectivo alemão para o destruir, o inquietante insofrimento da opinião pública nos países aliados clamando pela ofensiva, a crise geral no continente, são os objectos dessas interrogações em frémito.

Milhões de bocas as proferem. Milhões de olhos fitam as estêpes da Rússia.

NAPOLEÃO OU FREDERICO ?



VON BOCK

Um dos mais competentes comentadores estrangeiros desta guerra, escreveu, ao fim da batalha da primavera, acerca da campanha de leste e da sua lição estratégica, duas ordens de anotações que merecem detida atenção.

Uma é que desde o ano de 1941, os russos ganharam em experiência, em armamento e em organização. Convém ler: «O exército russo já não é o mesmo. Não seria surpreendido pelos métodos de guerra mais modernos. Tropas e comandos aprenderam por experiência própria. O equipamento e o treino das divisões blindadas que, em 1941, constituíam relativamente o ponto fraco do exército russo, foram aperfeiçoados. O sistema de defesa é mais complexo e mais maleável, adaptado às exigências da guerra motorizada. Conforme os planos do chefe do estado-maior, o general Chaposchnikov, a frente russa é protegida por uma linha triplice de artilharia. Na primeira linha está a artilharia motorizada, o que indica que em Moscovo se conta com todas as eventualidades, *inclusivê* a de que os alemães, graças à superioridade numérica dos seus carros de assalto, conseguissem ganhar terreno na primeira fase da sua ofensiva». A outra anotação pondera o seguinte, que vem especialmente a talhe de foice dos actuais acontecimentos: «Outras medidas já tomadas falam no mesmo sentido: reservas, vindas do Cáucaso, da Rússia Central e dos Urais acumulam-se nos depósitos. Por toda a parte são dadas instruções com vista à continuação, em caso de necessidade, da política da guerra *queimada*. A defesa torna-se de cada vez mais elástica, mesmo sem afastar a hipótese do avanço alemão».

De facto, nas duas batalhas de

Karkov, na de Kertch, em Sebastopol, diante do seu adversário e atacante que, mercê da política lenta das Nações Unidas, teve tempo para seleccionar e amontoar os factores duma superioridade em armas e munições, o exército russo, quer tomando iniciativa, quer demonstrando que, quando perde, «não perde depressa», revelou a sua transformação e aperfeiçoamento.

Na actual ofensiva, os alemães apenas puderam efectuar dois aprofundamentos mais rápidos: o de Von Kleist desde Kursk ao Don em cerca de oito dias, e, após a ocupação total de Millerovo e Voroshilovgrado, e o que sobre a planura extensa do Sul os levou do Donetz até Kalaen em frente de Estalinegrado.

A retirada de Timochenko foi conduzida estrategicamente em constantes e corroidoras reacções defensivas, sem se deixar colhêr nas manobras de largo envolvimento que, sucessivamente e em diferentes sectores von Vock tentou, e aproveitando todos os momentos e lances para provocar, o mais possível, o desbaste das forças alemãs.

De tudo isto, infere-se, que, ao contrário do que sucedeu na ofensiva de 1941, o problema actual do grande estado maior alemão concretiza-se em duas interrogações:—«A conquista dos objectivos compensará as perdas em homens e material? Ou o terreno será ganho ao caro preço de tão grande esgotamento que os avanços apressarão o desabamento final?» Assim, nesta altura exacta da campanha de Von Bock, toda a seqüência dos acontecimentos dependeria do grau das perdas sofridas pela *Wermacht*, ou, para

usarmos da expressão do próprio marechal russo ao comentar a campanha fulminante de França, de que as reservas russas cheguem depois das divisões blindadas do atacante.

Segundo os escritores militares, para os alemães, em 1941, o mestre foi Napoleão, correndo sobre o inimigo para o aniquilar. Quando, apesar de operarem segundo todas as regras desta estratégia de destruição, os alemães verificaram que eram os rusos, embora taticamente repellidos, e não eles que haviam alcançado o seu objectivo essencial, desfalcando o poder agressivo do exército germanico, o favorito das concepções do alto comando passou a ser Frederico II, o mestre da estratégia de usura ou de esgotamento que estabeleceu o principio de que, «quem quer conservar tudo, nada conserva».

Ora, em 1942, assiste-se a leste a «uma readaptação das concepções». O alto comando alemão tem de procurar dominar o adversário, mas a realidade das coisas limita os seus planos. Não pode correr atrás do inimigo. Tem de o desgastar, mas defendendo ao mesmo tempo o consumo das próprias forças na ofensiva, sob a reacção continua e desgastadora que o russo nelas provoca, de maneira que, num dado momento, deante de reservas frescas, o ritmo potencial do ataque alemão não seja irreparavelmente quebrado.

O objectivo do alto comando alemão deixou de ser propriamente, ou em absoluto, a destruição aniquiladora e directa do adversário. Somente, foram as circunstancias que assim lho impuseram, circunstancias derivadas da distribuição de forças dos dois adversários, do condicionamento geral da guerra a leste, e do



Gráfico mostrado, em relação com as direcções da ofensiva alemã no sul da Rússia, o dispositivo de uma eventual zona de ofensiva russa apoiada em Krlinine, Briank e Voronej, cujo aprofundamento iria ferir aquela.

acréscimo de poder das Nações Unidas.

OS ALVOS DA OFENSIVA



TIMOCHENKO

Na verdade aquele objectivo é procurado, mas em correlação a outro. «A Alemanha tem de conduzir na Rússia uma espécie de guerra periférica, longe do seu centro— escreve o já citado comentador— com o risco de ultrapassar as suas possibilidades, por causa da distância». É este efectivamente o reverso de todos os êxitos na moderna guerra de movimento.

«O aparecimento do motor no campo de batalha permite, não obstante o poder do fogo, manter a liberdade de manobra, a guerra de movimento. Mas por que preço? Os exércitos obrigam a um abastecimento que em encargos, quantidades e complicações excede tudo o que foi visto em guerras antecedentes, consome recursos consideráveis, e por isso mesmo, trava o movimento. Num espaço limitado como o da Europa Occidental, esse factor de refreamento não intervem, mas intervem nas imensidades da Rússia e da África». Realmente, pode observar-se o facto na África do Norte. A consequência disto— que completa particularmente o que atrás deixámos exposto sobre as modificações características da actual campanha germano-russa— é assim exposta, a um mês de distância, com flagrante claridade, pelo mesmo co-



Mapa da região caucasiana, com indicação da suposta linha de posições de resistência dos exércitos comandados por Timochenko.

mentador: «Assim o comando procurará, por todos os meios, apoderar-se das vias de água utilizáveis no abastecimento dos seus exércitos. Os dois pontos extremos do sistema de comunicações fluviais e férreas são Leninegrado ao norte e Rostov ao sul. Moscovo, no centro é o nó de comunicações mais importante da Rússia europeia. Se chegassem, como é seu plano, a apoderar-se da linha Leninegrado-Moscovo-Rostov, os alemães teriam diminuído sensivelmente a mobilidade do exército russo».

Quando, no dia 21, a agência oficiosa francesa reproduzia de autorizados informadores alemães a opinião de que «não foi possível realizar uma manobra de cerco e aniquilamento no estilo das do ano passado» e que «a retirada rápida das forças russas foi uma surpresa para o comando alemão» — afirmações de real valor que já antes haviam sido produzidas pelo órgão oficial da Guarda Negra — tais opiniões, como se vê, cambiam já plenamente nos acontecimentos e nas conclusões que eles admitem e acabam de apontar.

Ora, sobretudo na última oitava, o movimento ofensivo alemão, se vinha a derrubar obstáculo por obstáculo (e o maior de todos é a afinçada resistência do homem russo, apegado ao terreno), tornou-se visivelmente ainda muito mais calculado e prudente, à medida que se aproximava das regiões onde estão aqueles objectivos acima apontados: — os rios e não as cidades, como em geral e erradamente se supõe.

Vimo-lo descer desde Voronej para o sul (por Rossosh, Boguchar, Millerovo, Vorochilovgrado e Tangarog) em vez de arremeter para leste, quando no «pivot» da resistência em Voronej o marechal russo segurava com inteligente e larga visão, a irrupção do seu adversário, e foi essa, como aqui aventamos, uma das horas cruciais da ingentíssima batalha. Desde então, o comando alemão, impossibilitado de efectuar a guerra-relâmpago, teve de realizar pelo baixo Don a aboagem do cotovelo tortuoso e largo do grande rio. Todos os esforços alemães recaem para Rostov que a 23 se vê num semi-circulo de forças aberto de norte, nordeste e poente. A retirada russa entra nas estepes, abandonando, com as terras da Ucrânia, o Donetz occidental, para além do qual o terreno é raro. Deixa um rastro de heroísmos em sangue. A batalha do Don vai começar. Von Kleist, derrotado no ano passado em Rostov, vem tomar o comando da desforra.

Leite Materno

Não há nada que o substitua e todas as mães devem ter o orgulho de criar os seus filhos ao próprio seio

VITALOSE

Produto insistentemente recomendado pela Classe Médica, produz rápida abundância de leite, mesmo quando este tenha faltado por completo.

GÓSTO AGRADABILÍSSIMO.

EFEITOS IMEDIATOS.

A venda em todas as Farmácias

Prevenção: Rejeitar imediatamente, por falsificação, toda a embalagem de VITALOSE que não tenha esta etiqueta registada, de garantia:



DILEMAS



HITLER

Timochenko, desde 18, data da investida alemã contra Vorochilovgrado, que os russos abandonam a 24, furtando-se de novo a um envolvimento cujo laço lhe é lançado de Millerovo sobre a retaguarda, aproveitou estes cinco dias. A 22, pelo Volga e do Cáucaso, como da Sibéria, as reservas russas, das 90 divisões levantadas por Budieny nas rectaguardas, chegam à frente antes das forças blindadas inimigas (segundo a regra do marechal russo). E são elas, juntas aos demais efectivos, que recebem as três investidas alemãs: uma de Boguchar para Yalenska, outra traçando cominho até Tsimliakaya, finalmente a que de Vorochilovgrado se lançava sobre a capital do Don. No dia 24 os alemães dão a notícia da tomada de Rostov por assalto, mas só a 27 os russos a evacuem depois de entre as ruínas a defenderem por «batalhões suicidas» dando tempo a que o grosso das forças passe o rio para a margem sul. Em Novocherkass sucede o mesmo. Entre esse dia e os dois últimos do mês, a situação tende a esclarecer-se. Para leste de Rostov, nas alturas de Konstantinovk os alemães conseguem a poder de gente rebaixar à margem esquerda, tomando no delta do rio a cidade de Azov e Balaisk, e cruzando o Don e o rio Manich, seu afluente na região de Salsk. A resistência russa aumentava de ferocidade. No resto da frente, deante das alturas de Kalach, a 75 quilómetros a oeste de Estalinovgrado uma enorme concentração russa barra os caminhos às tentativas alemãs de ultrapassagem do Don para essa cidade à margem do Volga. Mas a batalha não é só aqui, senão também e principalmente em Voronej.

Enquanto se desenvolve a batalha no sul, Timochenko, a partir do dia 20, atira para aquele verdadeiro nó estratégico reservas de tropas frescas, e uma nova situação nasce, desde que os russos retomam a iniciativa do ataque e com tal impeto que o comando alemão é forçado a encerrar de sobrececho o resultado do problema. Divisões de primeira linha vêm de outros pontos da frente, entre as quais Millerovo, e das guarnições de França e da Holanda. Sabe-se que desde o começo da ofensiva alemã, quatorze vieram do Ocidente e três grupos de aviação de frente no Egipto onde, consta, terem aparecido peças de artilharia tomadas aos russos... O alto comando alemão trás para aquele incêrno os corpos dos voluntários seus aliados. Nos três dias seguintes, os russos destroem a última testa de ponte com que o adversário intentara passar o rio, e por norte e para noroeste e por sul e para sudoeste, saltam para a margem ocidental do Don. Von Weich manda levantar fortificações ocasionais. Os duelos de artilharia são quasi ininterruptos. Um contra-ataque alemão a 24 não resulta com êxito. O avanço russo reponta sobretudo a sul da cidade de Voronej. Reparécia um nome nas informações: Rossosh, onde os rusos castigam a 75.ª divisão alemã. A luta reexplodia mais ao norte, em Briansk. A 27, pela primeira vez desde o avanço alemão de Kursk, combatia-se a oeste da cidade. A 28 e 29, o avanço pelo sul passa a mais de 40 milhas a sudoeste de Voronej, no rio Dievitza, afluente do Don, que corre



NO QUARTEL GENERAL de Timochenko na frente oriental. — Da esquerda para a direita, o marechal dos exércitos russos, o general Khruchev, membro do Conselho Militar, e o general Cherevchenko.

em direcção a Stari Oskol. Os sectores de Orel e Briansk esbrazeiam. Na madrugada de 31, chegam notícias de que as grandes reservas de Timochenko entram em acção em toda a frente, e que o general Zhukov iniciava «o seu principal movimento...».

E fica pôsto o dilema de toda a batalha entre o ataque de von Bock para o sul de Rostov, e o de Timochenko na frente de Voronej. O aprofundamento do primeiro altera o quadro da defesa do Don e do Volga e intrumeterá na batalha o problema da defesa do norte do Cáucaso e dos transportes de tropas e abastecimentos. O aprofundamento do segundo desnoteará o dispositivo germanico até ao cotovelo do Don.

Von Bock ou Timochenko? Pelo meio destes dois nomes que já se inscrevem na história militar do mundo, vem um factor importantíssimo pesar na balança: — o tempo. Cerca de quatorze semanas se ofereciam a Hitler para tirar a vitória a leste quando prorrompeu a ofensiva. No clima russo pode distinguir-se, segundo a gradação do frio, três períodos que fazem mudar as condições dos combates: — o «inverno outonal» com pouca neve e frio seco, favorável ao rolar das unidades motorizadas e que começa por meados de agosto; depois, em janeiro, o pleno inverno que, segundo os alemães, não consente ataques de larga amplitude e só ofensivas de batalhões; finalmente vem o «inverno primaveril» com as alternativas de gelo e degelo, em mutações bruscas. Começa neste momento, segundo refere Morley

Richards, a dúvida sobre se Hitler e o seu comando estarão convencidos de que podem destruir o exército russo neste resto de verão, ou se preferirão estacar nos territórios em frente do Volga. Na Alemanha, a população continua a trabalhar em agasalhos de lã para as tropas...

MUITO BARULHO



CRIPPS

Quasi paralela a estes sucessos, a questão, já tomada famosa, da segunda frente aguçá-se ou amortece à mercê dos alarmes que eles causam nos campos dos aliados e das reflexas que têm no das potências do Eixo. É certo que Goebbels, no dia 28, galhofou na colunas do «Das Reich» dos intentos duma segunda frente, mas fê-lo evidentemente para a opinião alemã, retomando em outra clave, desafios que Hitler fez no ano passado aos ingleses oferecendo-se até para retirar divisões da costa francesa, mas que não tornou a repetir.

A questão da segunda frente foi consagrada na Conferência de Washington quando os representantes da Inglaterra e dos Estados Unidos, com os da Rússia, proclamaram por assim dizer a sua abertura durante este ano; e recrudescer de viveza após a retirada da Líbia e a capitulação da Tobruk, espicaçada pelas oposições britânicas. A revista norte-americana «Time», chegou a inserir a comunicação realmente sensacional de que a Molotov, na sua visita a Washington, não haviam sido feitas promessas nem dados compromissos quanto à segunda frente, mas que somente se haviam pôsto de acordo sobre a finalidade de uma tal solução.

O caso, porém, não pode surgir de qualquer pacto, mas de que, na verdade, as iniciativas do «Eixo» não encontraram ainda (salvo no mar e nas expedições de bombardeamento contra cidades, indústrias e vias de comunicação alemãs) objecção oportunamente lançada pelas Nações Unidas, e de que todo o peso da guerra tem recaído, primeiro sobre a Inglaterra, depois em 1941 e 1942, sobre a Rússia. Verificado que a produção norte-americana e inglesa não pôde suprir plenamente as necessidades de todos os teatros da guerra, repartidas pelas mais diversas regiões dos continentes, encontram-se na Na-

HOTEL DA COPA
CALDAS DA RAINHA
Telefone 41

Completamente remodelado

Espalndidas salas de banho,
com água corrente quente e fria

Frequêntado pela melhor sociedade

ON PARLE FRANÇAIS
ABERTO TODO O ANO
NOVO PROPRIETARIO
E GERENTE
LUIZ SAUDADE E SILVA

ções Unidas em «déficit» perante as suas obrigações da guerra. E como é puro absurdo supôr-se que o bloqueio ou uma fadiga moral ou física do povo alemão bastarão para dar eventualmente a vitória aos Aliados (é incalculável o limite da capacidade da resistência do povo alemão), aconteceu surdirem dentro dos países Aliados, as mesmas observações críticas que os comutadores dos sucessos já haviam feito dos seus postos.

Bevin insurgiu-se há dias contra a discussão pública da segunda frente porque perturbava as rectas guardas. Mas o «Times» no dia 29 reconhecia o frenesi da opinião pública, já projectado para os sectores parlamentares, embora apelando para o silêncio, visto que essas discussões são incompatíveis com a estratégia, para «uma imperativa necessidade de estreita união entre Londres e Washington», e para a confiança no governo. A sacudida resposta de Cripps nos Comuns a perguntas impertinentes no dia 30, sobre a intenção do gabinete, revela que este deseja livrar-se o mais depressa possível das inconfiâncias e das agitações. Mas não é menos certo que Maisky, em Londres, e Litvinov, em Washington, no dia 22, faziam duas diligências simultâneas para significarem que (e as expressões são do próprio «Times» no dia 25) o governo russo «está justificado anxiioso porque os governos dos países aliados compreendam as enormes dificuldades com que os russos lutam neste momento, culminante para a guerra»; que o mesmo jornal inglês comentava que «nestes dias, os russos e todos os povos aliados olham para diante a ver se distinguem sinais da oportunidade de uma acção dos aliados em outras frentes, acção que deve ser considerada com o sentido da urgência que a impõe» e que «ninguém esquece que os re-

ursos da Grã-Bretanha têm sido largamente dispersados desde que a guerra se iniciou, mas hoje é dever do governo britânico consultar os países aliados sobre a aplicação de todos os recursos disponíveis neste oportunidade». E não menos certo é também que no dia 30, deante do começo do grande assalto alemão por Kletskaia contra Estalinegrado e o Volga e por Bataisk contra o sul do Don, o mesmo «Times» se afligia com o risco da perda de comunicações para nove décimos do petróleo russo se os objectivos alemães fôsse alcançados.

Estas palavras do «Times» mostram que, como atrás dizemos, houve e há um erro de descoordenação na utilização da produção de guerra, — a Rússia a carecer do máximo dela, e ela a fazer falta para a África e para a realização eventual duma reacção aliada — e que é dessa descoordenação, e de uma correspondente falta de rasgo, e de accleramento, que os alemães aproveitaram.

A SOMBRA NEGRA



VON RUNSTEDT mos anotado (e pouco depois elas se renovaram) as informações relativas a fortificações em França, quer na fronteira com o Reich, quer ao longo do litoral norte. Ele sabe que se, em dado momento, uma vasta agitação interna revolver patrióticamente a França não-ocupada, a Alemanha terá um problema gravíssimo à rectaguarda, e que ele pode desdobrar-se em todos os países dominados por influência e conquista. O poderoso núcleo jugoeslavo-croata-grego que se bate insurrecionalmente nos Balcãs, avista do cimo das montanhas as águas do Adriático.

Prevenindo-se, Hitler organiza rapidamente aquilo a que podem chamar-se as suas «guarnições de segurança». Uma formação de S. S., a Guarda Negra, desfilou em Paris no dia 29, como afirmação de força. E o plano não é novo. A 6 de Agosto de 1940, o Führer declarou:

«O grande Reich alemão, na sua forma definitiva não abrangerá exclusivamente as fronteiras nacionais da Alemanha. É pois necessário manter as forças da policia, tanto fora como dentro do actual território do Reich, aptas a, em qualquer ocasião, representarem e assegurarem a autoridade interna do Reich. Essa tarefa só pode ser levada a cabo por um corpo de policia constituído por homens do melhor sangue alemão, incondicionalmente identificados com a filosofia fundamental da vida e do progresso do grande Reich. Só um contingente composto desses homens, orgulhosos da sua integridade, poderá resistir às influências deletéreas do meio e da época, abstendo-se de confraternizar com a ralé do proprietariado, que mina sempre e idéia fundamental.»

Depois de se baterem com grandes sacrificios, os contingentes da Guarda Negra que antes da guerra somavam cerca de 10 divisões, passam portanto a guarnecer o «bastião europeu» do Terceiro Reich, e a policiarem duramente a Europa, com pleno accordo do alto comando. O marechal Von Keitel e o general

Os dois grandes êxitos literários da actualidade

Duas magnificas edições de VIDA MUNDIAL

Luis de Oliveira Guimarães



DIZE TU, DIREI EU

por LUÍS DE OLIVEIRA GUIMARÃES

67 entrevistas com as figuras mais destacadas da vida portuguesa, ilustradas por 35 caricaturistas. 320 páginas . . . 15\$00

VIDA MUNDIAL EDITORA

HOLLYWOOD EM LISBOA

por FERNANDO FRAGOSO

As grandes vedetas do cinema entrevistadas e retratadas tais como são na vida real longe do ambiente dos estúdios, fora da mentira da publicidade . . . 10\$00



VIDA MUNDIAL EDITORA

Distribuidores: AGÊNCIA INTERNACIONAL
Rua de S. Nicolau, 119 — LISBOA

MORREM OS DENTES ADOECEM AS GENGIVAS

nas bôcas sem



PARGIL

(Produto medicinal)

PARGIL, duma fórmula complexa (que inclui uma cultura polimicrobiana da flora bucal, esterilizada por um processo que é uma inovação), é um enérgico microbicida que metódicamente extermina os germens patogénicos que pululam nas bôcas, mesmo naquelas que se dizem limpas.

PARGIL não mascara falsamente o hábito nem se limita a evitar as doenças. Ataca o mal na origem, sendo esta a razão dos seus inigualáveis efeitos.

NAS FARMACIAS E DROGARIAS

UMA GOTTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e curto para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crustas, feridas, arupções, ardenças na pele, etc. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

À venda em todas as farmácias e drogarias

Preço avulso: 11\$00



Von Runstedt—, a quem incumbe a defesa occidental, deitaram mãos à execução deste plano. É de crer que uma ofensiva continental aliada encontra, em tarefas de repressão sangrentas, êsse escol das tropas de choque do nazismo. O documento encontrado nos despojos de uma unidade alemã na Líbia apenas confirma, ir ser pôsto imediatamente em acto, um velho projecto, devido às circunstâncias em que enfebrec a agitação das populações, se agrava a crise económica de geral empobrecimento, aumenta o desfalque inevitável nas forças mobilizadas nas frentes, e se levanta a perspectiva, próxima ou longínqua, de uma ofensiva das Nações Unidas.

Estas medidas preventivas, além de servirem de indícios de uma situação geral, mostram assás claramente como dos acontecimentos da campanha de leste depende a modificação do panorama internacional da guerra mundial. Uma vitória alemã teria ilimitadas repercussões. Mas se o aniquilamento dos exerci-

tos e da resistência frontal da Rússia não se produzem (e nada neste momento o nega, apesar de tudo, incluindo os erros da politica dos Aliados), isto é se o Reich e as nações ocupadas houverem de passar outro inverno—mesmo sem que a «segunda frente» preocupe o estado-maior alemão—é, realmente de ter em conta os factos que determinam o chefe do Terceiro Reich a precaver-se contra agitações públicas.

E é êste, mais que os discursos de Cordell Hull e de Anthony Eden, mais que a enérgica réplica cominatória do governo inglês à felação de Gandhi—o homem de duas caras, como acaba de lhe chamar, com carradas de razão, Jinnah—o chefe da Liga Muçulmana, advertindo os ingleses de que não transijam com o Partido do Congresso—o acontecimento mais significativo que encerra esta oitava, a pouco mais de um mês do terceiro aniversário desta guerra infernal.

**FALA-SE
ESTA SEMANA
DE...**

**UMA FOTOGRAFIA
INÉDITA DE DOIS
GRANDES ARTISTAS**

A N T O N I O F E R R O



Ilustre director do Secretariado da Propaganda Nacional e presidente da Direcção da Emissora Nacional que se encontra presentemente em Espanha, onde o levou importante missão de interesse cultural. António Ferro, grande escritor e jornalista e grande realizador, foi recebido no país vizinho com provas de muito carinho. Nas recepções que em sua honra promoveram o ministro dos Negócios Estrangeiros Serrano Suñer e outras altas personalidades, venceu-se mais uma vez, o estreitamento de relações amigas entre Portugal e Espanha.

J O S É O S Ó R I O D E O L I V E I R A



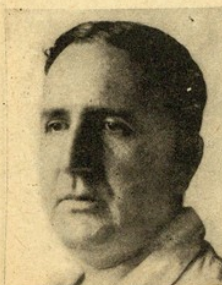
Escritor muito distinto que ao culto das relações culturais luso-brasileiras e ao estudo da vida da literatura e dos problemas do Brasil tem dedicado grande parte da sua obra e que acaba de publicar um livro cheio de interesse — «Enquanto é possível» — cujo aparecimento nos é grato registar. Secretário da redacção da revista «Atlantico», realiação de vulto a que deixa ligada o seu nome e onde afirma, mais uma vez, as suas notáveis qualidades, José Osório de Oliveira trata neste volume, dividido em três partes — «posições portuguesas», «serviço literário» e «parte documental» — temas ricos de substância espiritual.

D R. B A S T O S G U E R R A



Advogada e escritor, o sr. dr. Bastos Guerra tem revelado nestes dois aspectos da sua actividade uma forte e inconfundível personalidade e qualidades de tal modo notáveis que d'ele pode dizer-se ser, profissional e literariamente, uma das mais gradas figuras dos nossos meios intellectuais. Como escritor, a sua obra de são humorismo tem-lhe granqueado leitores e admiradores. Como homem do fóro, a sua recente nomeação para um alto cargo dentro dos Corpos Gerentes da Ordem dos Advogados consagra-o igualmente como um valor na jurisprudência portuguesa.

A U G U S T O C A S I M I R O



Um poeta de tão fina sensibilidade que nos têm dado, em livros repassados de belo lirismo, páginas admiráveis acaba de publicar um romance «A vida continua...» que é, em forma, em história e em estilo muito diferente da produção vulgar. Só um poeta e um espirito tão arraigadamente intellectual poderia ter escrito este romance onde nada é trivial, não obstante as personagens pertencem à vida e nela terem de resolver seus problemas. O autor não transigiu e continuou a ser poeta ao escrever este livro em prosa. O seu romance é um caso novo na nossa literatura — e é, certamente, um êxito — facto que muito nos apraz registar e louvar.



«O DESTERRADO», a obra-prima de Teixeira Lopes, no Museu Soares dos Reis. Junto do artista, o grande escultor espanhol Mariano Benlliure, quando esteve refugiado em Portugal.



CONSTITUIU UMA SENTIDA MANIFESTAÇÃO de pesar o funeral do sr. Artur Pavão, chefe da contabilidade da Sociedade Nacional de Typografia, proprietária do nosso colega «O Século» e uma dos mais antigos e conceituados administradores daquêlle jornal.

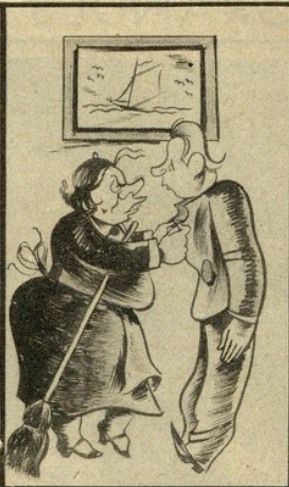
MENTIRAS

conhecidas

4



— Minha mulher é uma santa!... Obedece-me cegamente, de modo que vivemos sempre em perfeita harmonia — e estamos sempre de acôrdo!



— Que remédio tenho eu senão estar de acôrdo!...

POR ZECO



CREMES
PARA DE DIA
E PARA DE NOITE

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA
Avenida da Liberdade, 35
Telef. 2 1866 — LISBOA
Os produtos de beleza
RAINHA DA HUNGRIA

Para peles normais, embelezam, rejuvenescem e eternizam a mocidade
Salões de estética e de tratamento de beleza por processos científicos

USE O MATERIAL FOTOGRÁFICO

ILFORD



CHAPAS // PAPEIS
PELÍCULAS

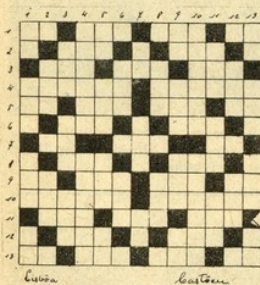
A venda nos estabelecimentos de artigos fotográficos



ILFORD LIMITED
ILFORD — LONDRES

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 33



Aquilo; Homem; Chó. 2 — Viva cidade; Suavidade. 3 — Arrependimento; Retrocede; Novo. 4 — Ondas do rio; Cintilante. 5 — Estar; Tanto como; Véstia; Chiste. 6 — Em defesa; Circunferência. 7 — Condição cristã na Índia; Caspa; Porco. 8 — Pano de armar casas; Jogo de cartas. 9 — Figura; Tinta amarela; Interj. (de quem repreende); Vênus dos Arabes. 10 — Escrito satírico; Nêspera. 11 — Pedagogo; Estrada; Grande. 12 — Olá; Prata. 13 — Filha de Inaco e Ismêne; Constelação austral; Pessoa baixa e grossa; Medida itinerária do Japão.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 34

HORIZONTAIS: 1 — Dó; Mutos; O meio da rua; Duplicadamente. 2 — Tinir; Embocadura. 3 — Senhor; Restituir; Prego de pau. 4 — Equilibrar; Canteiro de jardim. 5 — Outra coisa; Teu; Dia; Depois. 6 — Chefe supremo de alguns países asiáticos; Maior. 7 — Nem; Água; Completo. 8 — Subúrbio; Acto de mascar tabaco. 9 — Quanto; Galão; Vigor; Contigo. 10 — Alardear valentia; Resinga. 11 — Mando; Filho de Neptuno e Ifimélia; Assanho. 12 — Cartel; Fétido. 13 — Gigante venerado pelos Assírios; A parte póde da madeira; Oxalá; Medida itinerária da China.

VERTICAIS: 1 — Indivisível;

HORIZONTAIS: 1 — Psalmo; Vitreo. 2 — Rua. 3 — Cira; Urna. 4 — Utiara; Ostro. 5 — Lato; Ugar. 6 — Aso; Oliva; Ovo. 7 — Arú. 8 — Bom; Viola; Mal. 9 — Ária; Agno. 10 — Jacer; Ridor. 11 — Alas; Mõna. 12 — Urú. 13 — Oleosa; Ironia.

VERTICAIS: 1 — Penula; Bijugo. 2 — Sto. 3 — Calo; Maca. 4 — Leira; Rêlha. 5 — Rato; Vira. 6 — Ora; Olaiá; Sua. 7 — Iró. 8 — Váu; Úvula; Mui. 9 — Roga; Agro. 10 — Tensa; Ninho. 11 — Atro; Moda. 12 — Via. 13 — Ocioso; Larrapa.



PASTA MEDICINAL

Couto

CURA estomatites
TRATA as doenças da boca

Tubo pequeno: 10\$50 — Tubo grande: 16\$00



Para se vestir com elegância, economia e perfeição, bastam duas coisas: boas fazendas e um bom alfaiate.

Ora é isso que encontra na

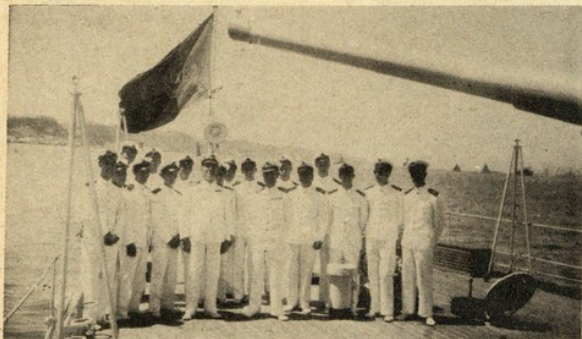
Rua Arco Marquês de Alegrete, 20, 1.º

ALFAIATES

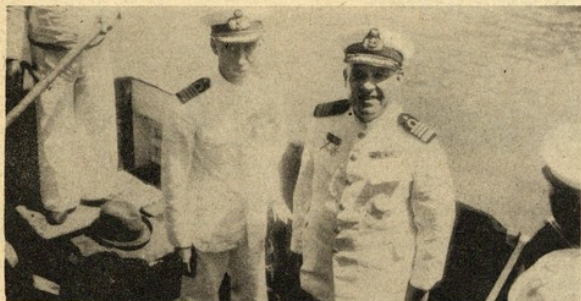
GOUVEIA & DIAS L.ª



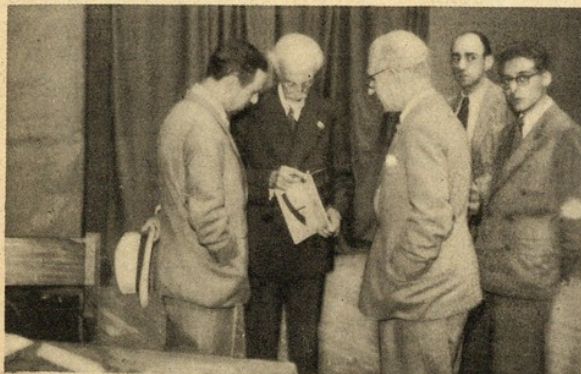
ASPECTO da formatura dos cadetes da Escola do Exército que, partiram para Marrocos em visita ao campo de batalha de Alcacer-Quibir.



OS CADETES DA ESCOLA NAVAL, a bordo do «Afonso de Albuquerque», pouco antes da partida deste vaso de guerra para Tanger



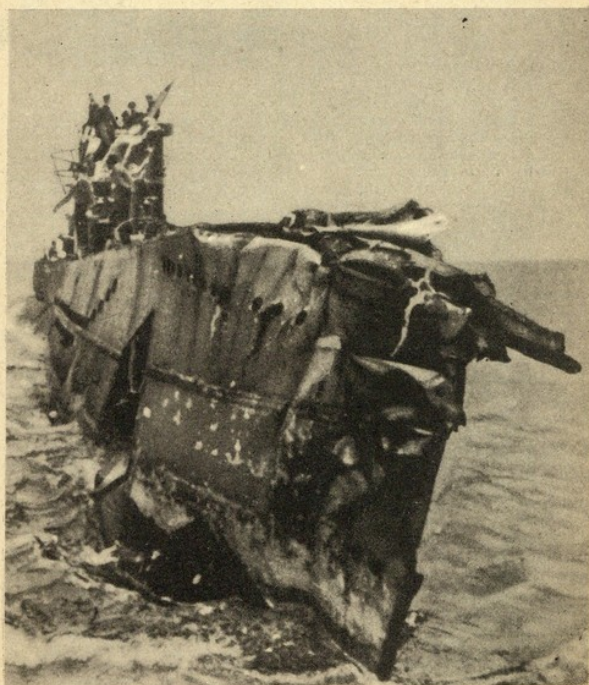
OS COMANDANTES DA ESCOLA NAVAL e DO «AFONSO DE ALBUQUERQUE» que acompanharam os cadetes do Exército e da Marinha na sua visita ao campo onde se feriu a batalha de «Alcacer Kibir».



O ARQUITECTO PERFEITO DE MAGALHÃES inaugurou recentemente, na Sociedade Nacional de Belas Artes, uma interessante exposição de relógios de sol, a cuja construção e divulgação se dedicou. A foto mostra-o com o secretário do sr. ministro das Obras Públicas e com o sr. Resano Garcia, presidente daquela Sociedade na visita inaugural do certame



UMA RUA DE SEBASTOPOL, em ruínas, após a batalha que terminou pela ocupação da cidade pelas forças do Reich.



A VIOLENCIA DA GUERRA NO MAR — Um submarino, gravemente avariado, reentra no seu porto de abrigo. As destruições operadas no barco mostram bem a intensidade da luta.

Grandeza e decadência duma vaca minhota que quiz ser estrela

UMA NOVELA DE FERNANDO FRAGOSO

SOBRE vaca do Minho! Morreu ontem, no Matadouro, sob a choupa impiedosa do magarefe. E, hoje, quando vi a sua cabeça, escarrolada, muito bronca, pendurada à porta do talho, pareceu-me ler nos seus olhos mortifcos e na dentuça arreganhada, a expressão indefinível do sorriso de tristeza e de ironia, com que teria comentado, no derradeiro minuto, as misérias e grandezas da sua vida, a que o Cinema pôs termo, depois de a haver deslumbrado com a miragem dos estúdios e da glória cinematográfica.

Bem tratada, gorda, luzidia — levou uma vida santa, enquanto foi uma anónima vaca minhota. Podia o verão queimar a erva fresca com que se deliciara na Primavera; podia a chuva empapar os campos e inundar os baixios, onde costumava pastar — que na falta mangedoura não faltava forragem da melhor para se relastelar nas longas horas de ócio, da sua existência calma de vaca leiteira. Ela sabia que todo aquele carinho não era desinteressado. De manhã e à noite, tinha que apresentar o juro das refeições abundantes, que lhe serviam, sob a forma do leite, espesso e gorduroso, que uma moçoila desexovalhada mungia para um congrião de barro. Mas habituara-se, sem custo, àquele ceremonial, que lhe aliviava os úteres, desdenhados, havia meses, pelo último vitelo que criara...

* * *

Foi num dia de verão. Fazia um calor de rachar. Pelas frinchas do curral, o sol entrava em delgados feixes, e punha, na obscuridade do ambiente, caprichosas nódoas de luz. Lá fora, cantavam as cigarras e os raios. De olhos cerrados, numa sonolência morna, agitando a cauda para se livrar das ferroadas das abelhas que zumbiam em redor e das grandes moscas esverdeadas que lhe espantavam o sono, a vaca minhota ouvia ranger a porta nos gonzos...

Aquela hora, não era costume aparecer quem quer que fosse... Pôs-se de pé, no jeito enfiado de quem recebe um importuno. Ouviu falar em combóios, pareceu-lhe ver uma lágrima nos olhos do zagal, que a costumava conduzir ao pastigo, e, com grande estranheza, foi levada dali, por caminhos que nunca pisara, pela aldeia fora. Olhou, com os seus olhos tristes, a paisagem que a cercava. Pareceu-lhe sombria, a despeito do sol a pino a encharcar de côr. Teve um pressentimento trágico, que transmitiu num uivo dolorido, que era simultaneamente um suspiro e um brado de socorro. Chegou à estação, onde uma locomotiva, em manobras, gritava com desespéro. Teve uma hesitação e um sobresalto. Sentiu o aquilhão nos quadris. Passados alguns minutos entrou num pesado vagon, que estava ali no desvio à sua espera



— e cuja porta se fechou com estrondo...

Tudo aquilo lhe fazia uma confusão enorme... Cafu a noite. Pelas grades dum janelão que se abria muito acima da linha dos seus olhos, viu brilhar as estrelas... O improvisado curral, para onde fora atirada, estremeceu com um empurrão brusco... E, logo a seguir, olhando pela abertura que lhe servia de vigia, ao ver fugir, naquele «écran» obscurecido, as copas das árvores que passavam de quando em quando, pressentiu que o ruído, que agora ouvia, monótono e metálico, era o do deslizar, vertiginoso, daquela casa sobre os carris.

Foi uma noite de vigília e de incerteza. Mas de manhã, as portas da jaula abriram-se e um mundo novo desfebrrou-se ante os olhos atónitos da vaca minhota... Tinha chegado a Lisboa. Era esse o seu destino!

* * *

Passaram-se dias e dias. Que aventura! Estava agora senhora da situação. Percebera, finalmente, a razão da caminhada. Ia ser vedeta, figurar num filme, aparecer na tela... O cinema exerce sobre os mortais um estranho sortilégio. A vaca minhota identificara-se com o género humano, na mais lamen-

tinha». O que diriam os críticos, o que diria a História, se aparecesse, no celuloide da aldeia do Minho, em vez duma lídima representante da raça bovina do Norte, uma vaca lisboeta, com as hastes lechadas, sem aquela pujança e aquela expansão diametralmente opostas, que distinguem os ruminantes minhotos dos seus congéneres?

E a vaca parecia satisfeita consigo própria. Quem diria que estava fadada para tão altos destinos? Ao pé dela, alguém citara a fama da «Elsie», que depois de ter sido objecto de admiração geral na feira de Nova-York, fóra para Hollywood e filmara ao lado de estrelas célebres. Da aldeia do Minho à «World Fair»; da Cinelândia ao Lumiar — ia um mundo de distância. Da vaca «Elsie», à vaca Minhota, a diferença não era tão grande! E isto lisongeara-a, tornava-a cada vez mais orgulhosa.

Passou a ter exigências... Fazia cara, à comida... Quando a pretenderam mungir, refilou... Deixou secar o leite. «Era vedeta agora — e não ama da provincia... De dócil, tornou-se indisciplinada e reiflona. Estirada na sua cama de ferro, tomou atitudes de «vamp»... E passou a ter uma única ambição: filmar!

O grande dia chegou! Foram buscá-la ao curral. Um homem, de pala verde, pôs-lhe duas manchas pretas, nas patas dianteiras, junto ao casco. Disseram que, assim, ficaria mais «fotogénica»... Aquele termo, de que não conhecia o significado, lisongeara-a na sua vaidade de vaca. E levaram-na, depois, para um campo, cérca dali, onde uns homens, de cara pintada, à torreira do sol, discutiam por mór dela... Tudo aquilo lhe fez muita confusão... Debaixo dum guarda-sol, havia quem espreitasse por uma máquina complicada, em cuja lente, ao passar em frente, a vaca minhota descobria uma imagem gêmea da sua... E quando esperava ter que fazer tropelias, correr, «spinotear, luzir as suas graças de vaca e de vedeta — deram o trabalho por pronto. Se o cinema era só aquilo — não tinha piada nenhuma... E nessa noite, no curral improvisado onde se acolhera, a vaca minhota pensou, se teria valido a pena fazer uma caminhada tão longa, e se seria possível conquistar-se a glória cinematográfica com uma simples aparição... E não conseguiu pregar olho, durante toda a noite...

* * *

Confundida, agora, com as outras rezes, num dos pátios do Matadouro, com os olhos vermelhos das lágrimas e das noites de insónia, a vaca minhota, a vaca cinefíla, evocava rapidamente a sua decadência. Dias depois do baptismo cinematográfico, soubera, por uma conversa indiscreta, que era olhada com ranco... Não por culpa dela, claro. Mas havia quem assassacae ao realizador as culpas de a ter mandado vir, para, afinal, a utilizar num único plano, em que a vaca se mostrava apenas na sua metade



**NOVO HORÁRIO
NOTICIÁRIO EM LINGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS**

Horas	Estações	m.	Kc/s
9.50 Noticiário	2 RO 4	m. 25.40	Kc/s 15.000
	2 RO 21	m. 19.92	
13.20 Comunicado Q. G. I.	2 RO 8	m. 16.84	Kc/s 17.820
	2 RO 17	m. 15.31	Kc/s 19.590
15.10 Noticiário	2 RO 7	m. 16.88	Kc/s 17.770
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
23.40 Noticiário	2 RO 11	m. 41.55	Kc/s 7.220
	2 RO 22	m. 25.10	Kc/s 11.950
23.40 Noticiário		Óndas médias	
		m. 221.1	
		m. 263.2	
1.00 Noticiário	2 RO 6	m. 19.61	Kc/s 15.300
	2 RO 18	m. 30.76	Kc/s 9.780
	2 RO 19	m. 29.04	Kc/s 10.330

CONVERSAÇÃO EM LINGUA PORTUGUESA

22.20 (Domingo)	m. 25.70	Kc/s 11.695
22.20 (Quarta feira)	m. 30.52	Kc/s 9.830

LEIA TODOS OS SÁBADOS

VIDA MUNDIAL

Um jornal que vale por muitos jornais

trazeira, com uns quans e uma cauda iguais à de todas as vacas do mundo. Fizeram-se contas para saber quanto havia custado a sua deslocação a Lisboa, que vinha onerar o orçamento do filme. Pagaram-na por bom preço, primeiro; gastaram com ela alguns centos de escudos no transporte, na comida que lhe forneceram durante o mês em que aguardou o dia glorioso da sua intervenção cinematográfica. E tudo para quê!? Para ela mostrar os quadris opulentos e os úberes agora estéreis... E fôra uma providência,—dizia-se— não ter morrido durante o tempo que medeara entre a chegada a Lisboa e a sua aparição ante a câmara. «Não! Não podia haver contempções... Era preciso vender a vaca, para que o prejuízo não fosse tão grande»...

O filme da sua vida, desde que viera do Minho até à chegada ao açougue, desenrolava-se, trágico, na sua mente. A pobre vaca cinéfila ouvia os mugidos das companheiras de raça, que iam caíndo aos pés do magarele. Cheirava a sangue quente e ao deslazer das entranhas. Uma picada na garupa despertou-a dos negros pensamentos. Caminhou para a morte, com

a tranquilidade dos justos. Sentiu uma corda a tolher-lhe os movimentos—e pronto...

Teve dó de si própria. Sorriu-se das suas ilusões. Aceitou a sentença como penitência das suas vaidades...

* * *

Pobre vaca minhota!

Os sonhos de glória, que a deslumbravam—morreram à porta do talho. A sua vida foi sacrificada, inutilmente, ao cinema—pelos homens que a arrancaram do remanso do curral minhoto. A sua vaidade de estrela desfez-se em bifés suculentos... As mãozinhas maquiadas foram fazer companhia aos feijões numa panela fumegante... E o seu coração, que nunca alimentou ódios, acabou num guizado indigesto.

Sob certos aspectos—esta vaca pode considerar-se um símbolo dos sonhos e desvairos do cinema português, das vítimas e ilusões imoladas no seu altar. E já que a História não falará dela, sejam estas palavras um preito de saudade, uma homenagem póstuma, à memória da vaca minhota, que morreu em Lisboa...



OS REPRESENTANTES dos Sindicatos Nacionais do País foram há dias ao Palácio de . Bento para comunicar ao sr. dr. Oliveira Salazar que havia sido eleito, por aclamação, sócio honorário daquêles çganismos.



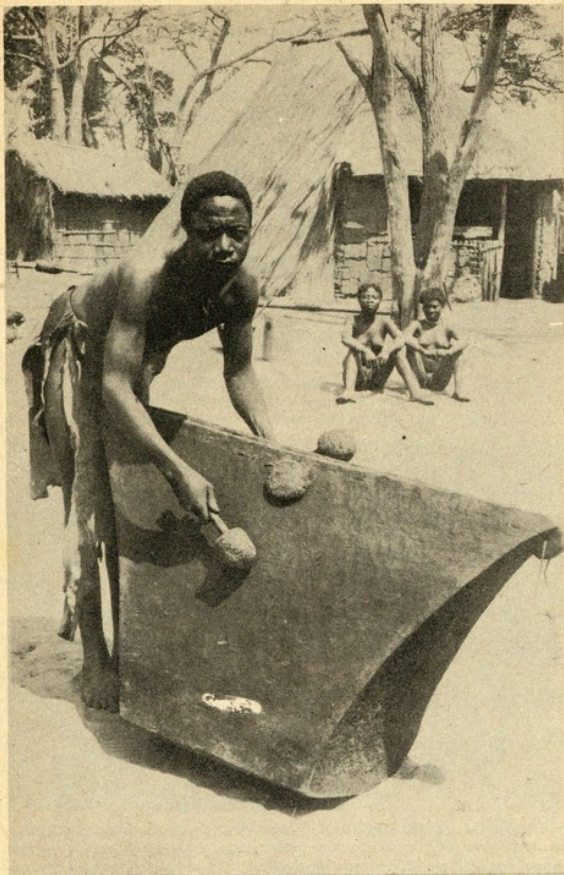
NA SALA DOS PASSOS PERDIDOS, o sr. Presidente do Conselho é recebido com uma salva de palmas pelos representantes dos Sindicatos.



O SR. ALFREDO DOS REIS E SILVA, presidente do S. N. dos Empregados de Escritório do Pôrto, lê o documento, encerrado numa linda pasta, que confere ao sr. dr. Salazar o diploma de sócio honorário dos Sindicatos.



OS TRABALHADORES PORTUGUESES aplaudindo o Presidente do Conselho, dr. Oliveira Salazar, no final do seu discurso.



Tocador de «chimento»

No sertão africano, a música e a dança são comuns a todos os seus povos e constituem a sua maior festa — o batuque.

Seja por motivo de simples diversão ou em cerimonial religioso, o batuque tem um alto significado na vida desses povos.

O batuque dá-nos o amor e o ódio, a alegria e a dor da gente negra. Dos seus batuques, três marcam as etapas principais do destino do homem negro: — o «ualécula», que é a festa dos circuncidados, realizada após a «mucanda» (circuncisão e seu ritual), que determina a transição da vida da criança para a de homem; o batuque de guerra, que conta o heroísmo do povo e a sua liberdade; e o batuque fúnebre, a festa dos mortos, a mais velha e enraizada tradição africana.

O homem, entrado na roda do batuque, entontecido pela dança e pelo álcool, que não há festa sem que o negro mergulhe em nuvens de embriaguês, revela, sem sombra de reboço, todos os seus instintos. E, então, como são belas, de uma beleza bárbara, só compreensível no cenário brutal e esmagador da selva, as suas transfigurações! Nesses momentos profundamente dramáticos, o negro está mais identificado do que nunca com a natureza. Ele e a selva encontram-se na sua mais forte e vi-

brante expressão. O homem levanta a voz para cantar, e a sua voz é a voz da selva. Ele canta a história dos rios e imita seus rumores e dos bichos que ali vivem, e grita a sua queda nas cascatas; fala das savanas sem fim, de capins amarelos e verdes onde se acocila a caça que lhe dá a aventura das caçadas, e por onde se estendem as serpentinadas dos trilhos que cruzam as aldeias distantes e o levam, através das florestas, ao largo dos rios e pelos dorsos das montanhas a outros países. Repudia o vozear das feras, uiva os uivos dos cães do mato e chora como as hienas quando têm fome de cadáveres. Imita o canto dos pássaros e o grito das aves de rapina. Lança os silvos do vento pelos descampados e dentro das florestas; e berra as tempestades que ensombrem o homem supersticioso, recordando os deuses que a trazem para castigo dos povos, flechando seus raios numa fúria louca. Ergue hinos ao Sol; louva a lua nas noites em que branqueia a terra que recebe das mãos das mulheres a semente, para logo se entregarem nos seus braços e fecundarem dele nessa hora em que a terra vai começar a gerar o seu alimento. Homenageia as estrelas que o guiam nos caminhos. Rende graças à terra sagrada onde repousam os mortos, e onde se faz a cerimônia da circuncisão, e onde se erguem os santuários e reverdescem as árvores de culto. E entontece de ferocidade ao cantar o chão onde se feriram batalhas.

O batuque diz-nos tudo isto nas canções dos homens, nos gestos de

Os músicos negros e a literatura oral do sertão

por *Castro Soromenho*

que é pródigo e na música dos «gomos» e dos «chingufos», as mais altas vozes do sertão, sempre a ganharem os caminhos da terra longe.

O homem da selva tem a paixão da música. O batuque traduz tudo que na sua vida há de viril e de violento e de apaixonado. O batuque é a voz do sertão e do seu povo. Mas o homem, em seu recolhimento, procura o embalo de outros músicos e esses são suaves e profundamente tristes. Só o «quissange» as pode dar, porque ele é a voz da raça.

É ao tanger do «quissange» que o negro conta cantando as suas lendas — lendas de lagôas que adormeceram na morte povos malditos ou os faz viver nos seus fundos a pensar eternamente... das cascatas com o seu «mosi-va-Tunia, o fumo que faz estampidos»; lendas a propósito de tantas cousas que para as narrar não chegaria uma longa vida!

É ao som plangente do «quissange» que ele narra a história dos sobas e a legenda dos deuses, as façanhas dos feiticeiros e os milagres dos curandeiros. E conta fábulas onde se diz de bichos que se valem da esperteza para triunfarem

das feras que com eles se queriam banquetear. Relembra as viagens que fez e os costumes dos povos visitados; os senhores brancos que viu e impressionaram, mas não deixa nunca de os chacotear pelos seus ridículos, de que a alcunha que o gentio lhes pôs, e isso nunca deixa de se dar, é em geral uma prova.

Curvado sobre o «quissange», canta cantares de amor e de saudade. E, então, é que o «quissange», é bem a voz da raça negra.

Nem sempre o músico que dedica este instrumento e canta à maneira dos antigos trovadores, sertões em fóra, pode dar ao auditório a verdade do que evoca. Nesse caso, faz acompanhar as palavras com contorcionismos, ou ainda para melhor ampliar a cena é auxiliado por um histrião.

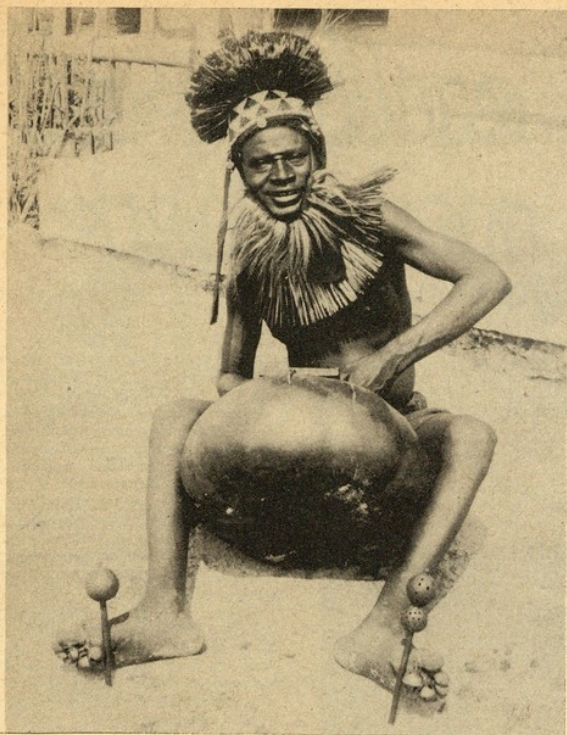
Todo o negro sabe tocar o «quissange», que o acompanha sempre, sendo tangido todos os dias durante as viagens, em saudade pela família que deixou no seu chão.

Só o «quissange» lhe dá a música que lhe embala o sono. O «quissange» é o seu companheiro, a quem confia os segredos, os sonhos, as saúdes e as tristezas.

Sem o interesse deste instrumento, outros há no sertão, e entre



Tocador de «quissange»



Tocador de «cangúxi»

êles o «cangúxi» — «violino bantutu», que nos chama a atenção pela semelhança grosseira como o nosso, mas só no aspecto.
As festas do gentio dão-nos o

que há de melhor na sua literatura oral, que aos músicos e cantadores do sertão deve a sua conservação e perpetuação.



O SR. DR. JÚLIO DANTAS discursando na sessão solemne inaugural da exposição de publicações comemorativas do Duplo Centenário.

Faça sempre

as suas "fotos"

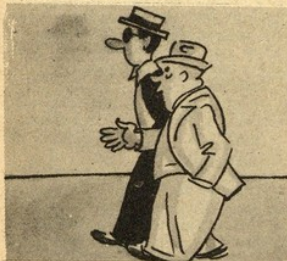
com películas

Kodak



O SR. EMBAIXADOR DA INGLATERRA, com o sr. ministro da Marinha e o comandante do «Pedro Nunes» na visita que aquê diplomata lhes fez recentemente para agradecer o trabalho da Armada portuguesa no salvamento dos naufragos do «Avila Star».

O MELHOR SÍTIO PARA VERANEAR *por Stuart Carvalhais*



— Pois é verdade... Há três anos, fui para a praia. Fartei-me de nadar para emagrecer... mas, depois de nadar, tinha fome, vim de lá ainda mais gordo.



— No ano seguinte, escolhi o campo para descansar. Mas lá não havia nada de comer e, em vez de descanso... nunca tive tantos trabalhos na minha vida.



— No ano passado, resolvi ir para as termas. As águas não eram más, mas o vinho era muito melhor... e o tratamento foi todo feito a álcool...



— De modo que, êste ano, resolvi não ir a parte alguma. Tomo banho de tina, descanso na cama e bebo meia garrafa das Pedras, de vez em quando...

A missão cultural da mulher

Vista pela escritora Olga Morais Sarmiento

NUM momento de breccividade bélica, de corrida directa e desenfreada aos interesses immediatos, os problemas da cultura podem parecer temporariamente adiados. Mas não acontece isso nem nos países em guerra. A par do feroz condicionamento para tudo quanto intervém na defesa própria, permanece, em todos os países do mundo, um empenho solícito para a correcção das deficiências notadas na estrutura social, especialmente daquêles que são consequência da própria forma tradicional de educação de cada povo. A perplexidade passiva não aproveita a ninguém; todos os países sabem quanto é preciso, neste período de paralização relativa, concentrar esforços, cimentar verdades e sustentar os valores que realizarão amanhã, em obra utilizável, o resultado da nossa experiência e do nosso sofrimento até hoje.

Porque os problemas da cultura continuam a impôr-se em Portugal — pois da solução dêles dependem soluções de problemas de muitos outros sectores da nossa vida — a sr.^a D. Olga de Morais Sarmiento devia depor, publicamente, algumas considerações. Esse belo espírito de mulher culta, residente em Paris durante 26 anos, pelos salões de quem passaram os maiores nomes da intelligência e da arte na capital do espírito, não podia subtrair-se a confiar às nossas páginas muito do que pensa da sua pátria sempre querida.

As primeiras palavras da gentilíssima senhora foram de amável elogio para as «Vidas Mundiais»...

— Creia — diz-nos — foi com verdadeira satisfação que vi aparecer a «Vida Mundial». Ela iniciou, aqui, uma nova forma de jornalismo, bem necessário. Portugal precisa de fazer ginástica... E, a propósito, deixe-me dizer-lhe que me confrangem as nossas crianças, sobretudo as de condição social mais humilde. Bem sei que se tem feito bastante entre nós; visitei bairros populares onde, finalmente, o povo pode dispor de casas higiénicas a baixo preço, mas, no estrangeiro, há inúmeros parques infantis onde as mães podem deixar as suas crianças durante o dia de trabalho, para brincarem, aprenderem e apanharem sol.

— Conhece V. Ex.^a a obra de Fernanda de Castro?

— Muito bem, é admirável. E conheço a Colónia Infantil do «Século», que é verdadeiramente digna de todas as ajudas. Tive ocasião de a visitar deitadamente e até provei a comida, que é ótima. Não pode haver sociedade perfeita enquanto houver quem tenha fome e viva em lamentáveis condições higiénicas. Sou da ex-

trema direita, mas, a êste respeito, sou ultra-socialista... Ainda há pouco amor pela criança entre nós. Na América, quando uma criança falta à escola, manda-se um encarregado saber por que aconteceu isso. Se foi por motivo de doença, presta-se-lhe immediatamente a necessária assistência; se foi por preguiça, fazem-lhe uma exortação...

tida ao fluxo das ideias; dicção cultivada, de requinte superiormente intelectual, sem qualquer sobreestímulo própria ou afectação:

—...De resto, os próprios adultos portugueses precisam de olhar mais para a cultura do seu corpo. As senhoras portuguesas, duma maneira geral, não sabem sequer andar, e, contudo, essa é a primeira condição para a beleza de

teve, em Paris, na Exposição du Jeux de Pommes, uma verdadeira e justa coroa de glória. Fizeram-se em Paris várias exposições de primitivos; nenhuma teve o êxito da nossa. Basta recordar que foi sucessivamente prorrogada, a pedido das próprias entidades francesas, durante duas vezes!

«E, recentemente, a «Exposição do Mundo Português», pequenina, mas a mais linda que vi no mundo, deu a certeza de termos uma colecção de grandes artistas.

Aqui, atalhámos:

— Essa é uma verdade certa, embora os cépticos por ausência de capacidade critica não acreditem... Mas os nossos recursos são tão poucos... Os nossos artistas não podem dar à sua Pátria tudo quanto era estimável.

A sr.^a D. Olga de Morais Sarmiento apanhou-nos o pensamento no ar e disse:

— Creia, lamento, custa-me sinceramente saber os artistas a estiolarem-se às mesas de café, sem amparos.

— Mas se não existe mercado de arte em Portugal; se não existe, sequer, o snobismo da arte!

— É preciso que os portugueses se compenhem da importância transcendentemente nacionalista da arte. É preciso que as senhoras criem salões de recepção que atraiam os artistas, os aproximem e os estimulem. A vida sem as manifestações do espírito, pelo menos para mim, seria coisa sem atracção, sem merecimento. Neste campo há muito a fazer, e compete às senhoras, em grande parte, fazê-lo.

— V. Ex.^a devia dar o exemplo. A sua presença em Portugal é muito necessária. A sua personalidade, a sua cultura, a sua experiência. — Pensa ficar definitivamente em Portugal?

— Tenho de voltar à América e não sei ainda quando regresso. Mas, bem vê, agora isso compete a outras senhoras mais novas do que eu. Eu fiz o que pude em Paris, durante 26 anos. Muitas vezes juntei em minha casa artistas plásticos e musicais portugueses. E é lamentável, deixe-me dizer-lhe, que os nossos organismos oficiais no estrangeiro não se interessem mais por êles. Vivem num completo abandono espiritual!

Insistimos:

— Mas, creia, a sua presença entre nós era muito necessária...

Subtilmente, a sr.^a D. Olga de Morais responde:

— Só tenho hoje um desejo: quando voltar, arranjar uma quinta entre Sintra e os Estoris e viver aí rodeada de flores e dos animalinhos que tanto adoro; retirar-me completamente.

—...Mas, os seus amigos?! — atalhámos.

— Sim, serão sempre benvidos os meus amigos que me quiserem levar um pouco do seu carinho affectuoso. Esta guerra é terrível, compreende...



Olga Morais Sarmiento

«Suponho que a iniciativa particular muito podia fazer. As próprias Juntas de Freguesia podiam, talvez, prestar uma assistência social bem meritória, tendo, por exemplo, cabeleiros gratuitos, visitadoras que ensinassem a higiene pessoal, doméstica e moral das classes pobres, etc....

As ideias associam-se rapidamente ao espírito lúcido da precocemente encanecida senhora. Sempre guiada por um sorriso atraente, naturalíssimo, a sua boca fina vai proferindo ininterruptamente análises e recordações. A sua dicção é perfeitamente subme-

qualquer ser. Ai tem outra nota apreciável nos países onde a cultura física é motivo obrigatório e não pretexto para exhibições.

— E que pensa V. Ex.^a da nossa vida de espírito, da nossa arte?

— Eu pude assistir a uma campanha de bom gosto que justificou o tem, agora, os seus continuadores. Refiro-me especialmente a três homens, grandes portugueses: a Afonso Lopes Vieira, com a «Campanha Vicentina», a Raúl Lino, pedindo a reintegração do espírito nacional na arquitectura, e a José de Figueiredo, com a sua bela exaltação pela arte primitiva que



**Emiões dos ESTADOS UNIDOS
EM LINGUA PORTUGUESA**

(Recorte esta Tabela para referéncia futura)

Horas	Dias	Ondas curtas
9.15	Segunda-feira	25.23 m. (11.89 mc/s)
	Terça-feira, Sábado	31.02 m. (9.67 mc/s)
10.30	Segunda-feira	25.23 m. (11.89 mc/s)
	Terça-feira, Sábado	31.02 m. (9.67 mc/s)
20.15	Segunda-feira, Sexta-feira	25.40 m. (11.79 mc/s)
		30.90 m. (9.70 mc/s)
		49.60 m. (6.04 mc/s)
21.30	Sábado, Domingo	19.56 m. (15.33 mc/s)
		31.02 m. (9.67 mc/s)
21.45	Sábado, Domingo	31.02 m. (9.67 mc/s)
	Segunda-feira, Sábado	19.56 m. (15.33 mc/s)
23.30	Sábado, Domingo	19.56 m. (15.33 mc/s)

**OIÇA a VOZ da
AMERICA em MARCHA**

LEIA TODOS OS SÁBADOS

VIDA MUNDIAL

Um jornal que vale
por muitos jornais

Documentário da Imprensa de todo o Mundo

Vida
MUNDIAL
Ilustrada

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO — Director; JOAQUIM PEDROSA MARTINS — Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Carret, 80, 2.º — Lisboa — Tel. 25844 — Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), Ltd. — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E COLÓNIAS: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.º — Telefone 26942. ————— VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA —————

— Mas virá o «après-guerre». Não espera nada dêle?

— Sim, confio — (o seu entusiasmo é firme) — O «après-guerre» trará à humanidade qualquer coisa de belo.

E fomos, conversando, de visita a outras dependências da sua bela residência. Retratos autografados de várias celebridades mundiais, quatro quadros de Sarah Affonso que dão motivo a recordar a dívida das suas obras de arte a Setúbal. Insensivelmente a tarde vai declinando, escurecendo o Tejo. Sente-se na espiritualidade

da sr.ª D. Olga de Moraes Sarmiento um atractivo simultaneamente nacional e maternal.

E despedimo-nos com esta afirmação sua, esta recomendação:

— Creia que todos os artistas portugueses lucrarão indo a Setúbal.

Pouco depois um prateado «Clipper» conduziu à América esta compreensiva inteligência feminina, cuja longa e profunda experiência da vida garante primordiais os valores do espirito.

ADALBERTO GOUVEIA

Vida
MUNDIAL
Ilustrada



OS DISCIPULOS do Professor Campos Coelho que, recentemente tomaram parte nos concertos a dois pianos efectuados no S. N. dos Músicos.



ASPECTO DA SALA do Sindicato N. dos Músicos, durante o concerto



O MARECHAL VON BOCK, que tem dirigido a ofensiva no sul da Rússia, conversando com o general Von Mackensen, durante a batalha do Donetz.

EM GUERRA com os chineses há mais de cinco anos, o exército japonês vê-se cada vez com mais dificuldades para «liquidar o incidente da China». Incluída agora esta luta no quadro das operações da guerra mundial, prossegue a resistência de Xung-King ao invasor. A foto mostra-nos uma prêmiação recente da batalha de Xé-Kiang: Um soldado chinês exibindo material de guerra apreendido

